

EDUCAÇÃO INFANTIL: O BRINCAR E OS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS NO CAMPO DOS VALORES

CARLA PAULA BRONDI CALABRIA CERSOSIMO*

ROSEMARY JOLIG**

JUSSARA CRISTINA BARBOZA TORTELLA***

RESUMO

A presente pesquisa parte de reflexões providas do acompanhamento da prática de professores de Educação Infantil. Ouvem-se queixas constantes por parte dos professores sobre condutas de seus alunos de 4 a 6 anos que são consideradas desrespeitosas e que estes se envolvem apenas com brincadeiras. Os participantes desta pesquisa foram quatro professoras de classe e quatro auxiliares de classe de uma escola particular da cidade de São Paulo. O problema que norteou a presente pesquisa foi: O professor que utilizar o brincar como processo para o desenvolvimento da afetividade, observando os limites característicos da faixa etária, terá um grupo de alunos mais respeitosos, colaborativos e cooperativos? O fato de o professor planejar, organizar procedimentos didáticos e analisar sua própria prática no campo dos valores, priorizando o brincar, pode modificar o número e a forma de resolver situações conflituosas em sala de aula? Para tanto, objetivou-se analisar se o planejamento, a organização de procedimentos didáticos e a análise da prática no campo dos valores, priorizando o brincar, modificam o número e a forma de resolver situações conflituosas apontadas por professores em salas de aula de Educação Infantil. Foram utilizados três instrumentos: 1. ficha de observação; 2. observação de situações de intervenção; 3. questionário. A análise qualitativa dos dados demonstrou que o planejamento, a organização de procedimentos didáticos priorizando o brincar podem auxiliar na resolução de situações conflituosas. Avanços tanto na atuação dos docentes, demonstrados nos registros, quanto nos procedimentos de resolução de conflitos utilizados pelas crianças, puderam ser observados durante a realização desta pesquisa.

Palavras-chave: brincar; educação em valores; respeito.

* Especialista pelo curso “As relações interpessoais e a construção da autonomia moral”, Universidade de Franca; cersosimocp@yahoo.com.br

** Especialista pelo curso “As relações interpessoais e a construção da autonomia moral”, Universidade de Franca; jrrj2@terra.com.br

*** Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas; atortella@uol.com.br

ABSTRACT

This study takes place from reflections on the practice of teachers of Early Childhood Education. Continuous complains are expressed from teachers about their 4-6 year-old student's behavior, considered disrespecting and concerned with having fun only. Four advising teachers and class assistants from a private school in São Paulo participated in this survey. The question guiding this study was: will the teacher that uses game playing as a developing process of friendship, observing the characteristic limits of age, have a more respectable, collaborative and team-spirited classroom? Can the fact that the teacher plans, organizes pedagogical procedures and analyses the own practice in the field of values, giving priority to game playing, change the number and the way of solving conflicting situations in the classroom? Three instruments were used in order to analyze that: (i) observation filling card; (ii) observation of interacting situations; (iii) questionnaire. The qualitative analysis of data showed that planning, organizing didactic procedures, and focusing on game playing can help the solution of conflicting situations. Progress in the performance of teachers as well we in the solution of conflicts were found.

Key words: Game playing; Moral education; Respect.

INTRODUÇÃO

De que vale uma cozinha dotada das panelas mais modernas se o cozinheiro não sabe cozinhar? É o cozinheiro que faz a comida boa mesmo na panela velha. O cozinheiro está para a comida boa da mesma forma como o educador está para o prazer de pensar e aprender. Sem o educador o sonho da escola não se realiza.

A questão crucial da educação, portanto, é a formação do educador. "Como educar os educadores?"

Rubem Alves (2007, p. 74)

A presente pesquisa parte de reflexões providas do acompanhamento da prática de docentes. Constantemente, observa-se, ouve-se e presencia-se, no ambiente escolar e nos encontros com docentes, educadores queixosos quanto às condutas dos alunos. "Por que estas crianças não param quietas e não nos ouvem? Estão cada vez mais mal-educadas!"; "Não respeitam os colegas nem a ninguém, não querem guardar os brinquedos e materiais, deixam tudo jogado, não colaboram."; "Só querem brincar, aprender que é bom, nem pensar."; "Por que tamanha falta de respeito?".

Faz-se necessário, segundo Vinha (2000), que o educador compreenda e reflita sobre o conceito deste valor e sobre suas dimensões (MONEREO, 2000), pois entre os próprios educadores o que pode ser falta de respeito para um, para outro não é.

Concomitantemente a essas questões, é imprescindível repensar: quem são esses alunos? Quais são as características da criança de 4 a 6 anos?

A criança dessa faixa etária possui características singulares. Quanto ao aspecto cognitivo, seu pensamento ainda se caracteriza pela centração, irreversibilidade e intuição, ou seja, a criança é regida pelo egocentrismo (característico da primeira infância). Quanto ao aspecto físico, possui certa agitação motora, que pode caracterizar-se por impulsividade e falta de contenção. Tal característica, em certa medida, pode ser considerada como um aspecto intrínseco a esse momento do desenvolvimento, entretanto, por vezes é considerado como indisciplina por alguns professores. Relacionando os aspectos apontados, podemos dizer que se trata de uma criança que tende a realizar todos os seus desejos, a “agir antes de pensar” e a perceber em seu corpo mais utilidade que em seu pensamento. Simultaneamente à prática na qual prevalece o princípio de prazer, a criança vivencia o momento do desenvolvimento em que há o surgimento da noção rudimentar de regra enquanto algo sagrado e imutável, que possui validade absoluta. É interessante destacar a contradição, a discrepância entre a prática e a consciência moral, uma vez que a rigidez do discurso sobre as regras (a consciência) não garante a obediência efetiva em relação a estas (a prática). (PIAGET, 1994; VINHA, 2000).

Essas características podem ser explicadas pela teoria piagetiana. Para Piaget e Inhelder (1974), em todos os campos (cognitivo, lúdico, afetivo, social e afetivo) há uma unidade funcional, ou seja, há uma coerência nas ações e reações apresentadas pela criança. Assim, o período pré-operatório, quando comparado com o período anterior, mostra-se como uma abertura para novos conhecimentos com o surgimento da representação que se aplica em todos os campos. Mas algumas limitações também podem ser verificadas: dificuldade de colocar-se no lugar do outro, considerar apenas os dados perceptivos, dificuldade de coordenar fatos e falta de reversibilidade do pensamento. Quando comparado com o próximo período, o operatório concreto, nota-se a passagem de uma centração subjetiva para a descentração, sendo a criança capaz de superar as limitações ora apresentadas.

A construção da consciência das regras depende das trocas sociais que

englobam o conjunto de reações precedentes, porque são todas, ao mesmo tempo, individuais e interindividuais, dão lugar a um processo de estruturação gradual ou socialização, que passa de um estado de não coordenação ou de não diferenciação relativa, entre o ponto de vista

próprio e dos outros, a um estado de coordenação dos pontos de vista e de cooperação e informações (PIAGET, 1974, p. 110).

Entretanto, torna-se insuficiente apenas compreender a concepção de respeito e conhecer as características dos alunos desta faixa etária. Necessita-se da aplicabilidade destes conhecimentos no cotidiano educacional e, dessa maneira, aponta-se mais uma questão: como os conhecimentos científicos e concepções sobre o tema respeito podem ser aplicados para o cotidiano escolar a fim de subsidiar o trabalho docente e propiciar aos alunos vivências que possam contribuir na elaboração e construção desse valor?

Além desses aspectos, entende-se que educar se dá a partir da interação e inter-relação entre situações dirigidas de aprendizagem, do cuidar e do brincar (BRASIL, 1998). Nessa perspectiva, questiona-se: “Por que vários educadores ainda concebem o brincar como indisciplina e/ou separam o ato de educar do ato de brincar?” Friedmann (1996) e Moyles (2002) indicam a importância de se compreender e de se desafiar as concepções sobre o brincar, e oferecem justificativas para incluí-lo no planejamento do professor da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, destacando a importância e a contribuição do brincar no desenvolvimento dos aspectos cognitivo, físico, social e afetivo das crianças.

Discutir sobre alguns destes itens apontados pode contribuir para responder as questões iniciais.

O que consideramos respeito...

Respeito, segundo o Dicionário Aurélio, é ato ou efeito de respeitar. Perguntamo-nos: será possível que crianças pequenas, de 4 a 6 anos, sejam capazes de compreender e realizar ações e/ou atitudes que contemplem o significado de respeito?

Segundo Tardeli (2003), respeitar está relacionado ao ato de fazer escolhas e esta ação relaciona-se às vontades, às preferências pessoais, aos valores. Assim, perguntamo-nos novamente: considerando-se que respeito seja um valor, o que são valores? Como ensinar as crianças a terem o respeito como valor norteador de suas ações? Será possível?

Conforme Alemany e Aced (apud MONEREO, 2000), os valores são referências, as crenças que optamos em nossas vidas. São eles que orientam nossas ações e determinam nossas escolhas. As autoras apontam que as pessoas precisam aprender e/ou, ao longo do seu desenvolvimento como indivíduo, construir uma série de normas como

diretrizes para suas ações. Para que isso ocorra, torna-se necessário considerar os contextos sociais, os ambientes, a cultura a que são expostas, pois é na relação com o outro que se vivencia a pertinência, o desejo pelas regras e pela escolha de valores.

Compreendemos o que é respeito e que este é um valor. Agora, para respondermos se as crianças têm a possibilidade de agir segundo este valor, faz-se necessário discutir como se aprende valores.

Como ensinar a criança a ter respeito... Como se aprende valores?

Nessa perspectiva, retomamos a questão: o que consideramos falta de respeito em sala de aula? Considerando que respeito é um valor, tomamos por base a distinção apontada por Alemany e Aced (MONEREO, 2000, p. 307): “há valores com uma dimensão terminal (justiça, liberdade etc.) referentes a um estado final da existência e valores com caráter mais instrumental (responsabilidade, solidariedade etc.) centrados em maneiras de agir”.

Devido às características das crianças da Educação Infantil, elas ainda não estão aptas a agir norteadas por valores numa dimensão terminal, logo, agem segundo seus próprios desejos e não necessariamente estão querendo desrespeitar os professores, mas ainda precisam aprender e construir determinadas atitudes, que muitas das vezes não têm como modelo.

Entretanto, se propiciarmos e oportunizarmos um ambiente educativo no qual as crianças possam exercer ações e atitudes que levem em conta a polidez, o caráter instrumental do valor respeito, ou seja, o respeito nas ações cotidianas, e agirmos como modelo, auxiliaremos na construção de maneiras de agir que levarão à construção, na idade adulta, da dimensão final dos valores. Por exemplo, podemos auxiliá-las a desenvolver ações respeitadas – caráter instrumental – com colegas, com professores, para com o ambiente escolar e com o ecossistema: aguardar a vez para falar, resolver conflitos conversando, não gritar quando estiver irritado, cumprir os combinados nos momentos de roda de conversa, cuidar de seus materiais e dos coletivos, jogar lixo no lixo, fechar torneiras, apagar luzes etc. Acreditamos no caráter instrumental do valor respeito como “preparatório” para a dimensão final desse valor, pois compreendemos que as crianças precisam experimentar e vivenciar situações consideradas respeitadas, percebendo nelas algo que lhes traga prazer e realização pessoal, potencialize o auto-respeito e estimule ao prazer de pertencimento, para que possam perceber, ou melhor, querer realizar ações que considerem não só a si mesmas, mas também o outro e a coletividade.

Evidencia-se, portanto, a função mediadora e educativa do adulto na formação da criança: as regras estão em um processo de internalização gradativo. Nesse sentido, têm que ser lembradas e sustentadas pelos adultos, uma vez que a criança, por si só, ainda não possui recursos suficientes para fazê-lo. Daí a importância da postura do adulto diante da criança, enquanto modelo de referência e identificação.

Destacamos, ainda, que também compete ao adulto auxiliar na construção dos “combinados”, ou seja, um recurso empregado como regulador das relações, um importante instrumento educacional que funciona delimitando a distância entre o eu e o outro e esclarecendo as “leis” escolares, por meio dos quais as crianças podem transitar e se organizar no âmbito escolar. A validade desse instrumento está no fato de que em sua essência e caráter não guardam a mesma intransigência e rigidez de normas que têm que ser obrigatoriamente seguidas mesmo antes que os sujeitos envolvidos possam efetivamente compreender o porquê e para que de sua existência e funcionalidade. Os “combinados”, ao contrário, possuem um intenso significado afetivo para os alunos, uma vez que participam ativamente de sua construção. Construção essa que se dá a partir das necessidades do grupo.

Nessa perspectiva, ainda ressaltamos que cabe ao professor buscar procedimentos didáticos que possibilitem à criança aprender o caráter instrumental do valor respeito a partir da interação com seus pares e com os adultos. Mas, que procedimentos didáticos são esses?

No início deste artigo, apontamos as queixas dos professores sobre falta de respeito e que as crianças só queriam brincar. Pois bem, é no brincar que buscaremos uma maneira de desenvolver o valor respeito. Entretanto, primeiramente, cabe questionarmos: qual a importância do brincar para crianças entre 4 e 6 anos de idade? Qual o papel do professor perante o brincar? Como utilizar o brincar como procedimento didático?

O brincar na Educação Infantil...

Mencionamos que alguns professores se queixam que os alunos só se interessam por brincadeiras e que isso atrapalha o “bom” desenvolvimento das aulas. Tal afirmação se torna contraditória quando, como educadores, sabemos que o brincar faz parte da infância e do desenvolvimento saudável das crianças, afinal as crianças têm no brincar, mesmo que não saibam conscientemente, uma forma de se desenvolver e aprender. Brinca-se por pura satisfação, e este brincar, além de possibilitar a plena atividade cerebral (e muitas vezes corporal), proporciona prazer, alegria e o desenvolvimento da capacidade criativa.

Brincando as crianças elaboram experiências do mundo real, o que permitirá que se desenvolvam nos aspectos emocionais, sociais, psíquicos e afetivos. Por estes aspectos, já poderíamos considerar a importância do brincar na Educação Infantil, entretanto nosso foco está em utilizar este brincar como meio educacional, como estratégia didática (MOYLES, 2002; FRIEDMANN, 1996).

Para Moyles (2002, p. 12), “O brincar em situações educacionais, proporciona não só um meio real de aprendizagem como permite também que adultos perceptivos e competentes aprendam sobre as crianças e suas necessidades”. A autora pontua que o professor, observando o brincar das crianças, deve ser capaz de perceber e/ou compreender em que fase do desenvolvimento (quer seja ele cognitivo, social ou afetivo) ela se encontra e deve conseguir utilizar este brincar para promover novas aprendizagens. “Longe de ser uma atividade supérflua, para o ‘tempo livre’... o brincar, em certos estágios iniciais cruciais, pode ser necessário para a ocorrência e o sucesso de toda a atividade social posterior” (LOIZOS, 1969, apud MOYLES, 2002, p. 14).

Assim, acreditando nestes pressupostos teóricos é que buscamos no brincar estratégias para resolver os conflitos em sala de aula que se caracterizam pela necessidade do desenvolvimento do valor respeito.

A partir dessas considerações, apresentamos o **problema** que norteou a presente pesquisa: O professor que utilizar o brincar como processo para o desenvolvimento da afetividade, observando os limites característicos da faixa etária, terá um grupo de alunos mais respeitosos, colaborativos e cooperativos? O fato de o professor planejar, organizar procedimentos didáticos e analisar sua própria prática no campo dos valores, priorizando o brincar, pode modificar o número e a forma de resolver situações conflituosas em sala de aula?

Para respondermos a essas questões, foram destacados os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar se o planejamento, a organização de procedimentos didáticos e a análise da prática no campo dos valores, priorizando o brincar, modificam o número e a forma de resolver situações conflituosas apontadas por professores em salas de aula de Educação Infantil.

Objetivos específicos

- Organizar uma ficha de observação que auxilie no registro de conflitos entre pares e as ações dos alunos frente ao respeito às regras e combinados;

- Instrumentalizar o educador para que ele possa refletir sobre sua prática e elaborar intervenções, por meio do brincar, a fim de propiciar aos alunos momentos de vivência do valor respeito;
- Analisar, por meio dos registros dos professores e de entrevistas com os mesmos, se os alunos, a partir do exercício do brincar, passam a utilizar ações colaborativas/cooperativas que evidenciam o desenvolvimento da construção do valor respeito na rotina diária.
- Analisar as fichas de observação, os registros e as entrevistas com os professores para verificar a viabilidade de proporcionar aos alunos, por meio do brincar, a vivência do valor respeito, visando à melhoria da construção de um ambiente educacional de qualidade que prioriza as inter-relações colaborativas.

Tínhamos por hipótese que o professor, ao refletir e reconstruir sua prática educativa utilizando-se do brincar como processo para o desenvolvimento do valor respeito e considerando os limites característicos da faixa etária, possibilita a construção de um ambiente educacional de qualidade que prioriza as inter-relações colaborativas, qualificando a resolução de situações conflituosas.

Método

A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos que utilizam a abordagem qualitativa da pesquisa educacional.

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram quatro professoras de classe e quatro auxiliares de classe, selecionadas por terem participado em 2007 de um grupo de estudos sobre o papel do brincar na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de São Paulo. A escolha dessas professoras se deu por sorteio entre as 30 participantes do referido grupo de estudos.

Instrumentos e procedimentos da coleta de dados

Para responder às questões propostas e verificar as representações dos professores, foram utilizados três instrumentos:

1. **Ficha de observação**, por meio da qual as professoras registraram conflitos entre pares e o cumprimento de regras combinadas com os alunos relacionadas ao aspecto do valor respeito entre pares e professor. Após o registro inicial, selecionaram qual o tipo de conflito apareceu com maior frequência e que exige, para sua resolução, a

construção do valor respeito. Esta mesma ficha foi preenchida após as situações de intervenção.

2. **Observação de situações de intervenção.** A partir dos dados recolhidos e da análise reflexiva sobre os mesmos por meio de um relato, realizaram-se, junto às professoras, propostas de brincadeiras/jogos que propiciassem às crianças a expressão de sentimentos e o exercício de atitudes, tais como: ouvir o colega, expressar-se, esperar a vez, cumprir regras etc. Essas propostas foram observadas e analisadas a cada três dias, junto às professoras e por meio da reflexão crítica.

3. **Questionário.** As professoras que participaram do processo responderam um questionário a fim de dar seus depoimentos.

Análise dos dados

Apresentamos neste artigo dados parciais da pesquisa, focando a análise dos depoimentos em forma de relato de experiência das educadoras. Após os relatos apresentamos nos resultados a observação realizada, bem como a análise das situações. Convém ressaltar que durante três semanas, as professoras participantes da pesquisa observaram seus alunos e anotaram, respeitando os itens propostos no instrumento de observação, quais situações traziam mais dificuldade na rotina escolar. Após estas três semanas, a partir da análise das fichas de observação, as professoras participantes elencaram quais situações se repetiam mais vezes, escolheram situações que consideravam falta de respeito e que atrapalhavam profundamente a dinâmica da sala de aula e, juntamente com as pesquisadoras, selecionaram brincadeiras a serem trabalhadas com o grupo de alunos. Uma das professoras, por problemas pessoais, não preencheu os formulários, desta maneira, não consideraremos, nesta pesquisa, os aspectos observados por esta, nem as atividades propostas ao seu grupo de alunos.

A seguir, descrevemos os casos selecionados.

Relato 1

Participante: Professora 1

Problema selecionado: falta de respeito aos combinados do parque

Todas as vezes que o grupo (alunos do Pré entre 4 ½ e 5 anos) dirigia-se ao parque surgiam problemas. Apesar de os combinados terem sido organizados pelo próprio grupo, quando chegava o momento do parque, começavam a ficar agitados. O controle para a saída começava dentro da sala de aula: empurravam-se e disputavam quem seria o primeiro a sair. Entre choros, devido às ações físicas e o aumento da intensidade da voz das professoras (dupla professora e

auxiliar de classe), acabavam saindo correndo (sem cumprir um dos combinados: “andamos nos corredores”). No parque propriamente dito, as brincadeiras eram espontâneas. Começavam, mas logo a impulsividade corporal prevalecia: o “super-herói” mais forte batia no mais fraco, tentativas de subir nos troncos de árvores (outro combinado não cumprido: “as árvores do parque estão frágeis, subiremos apenas nos brinquedos”), “fugas” para a quadra de futebol (outro combinado desconsiderado: “quando estamos no parque deixamos a quadra livre para outra classe brincar”). Volta e meia precisavam conter um aluno e colocá-lo sentado para que se acalmasse enquanto auxiliavam outro que chorava por ter se machucado. Quando acabava o tempo destinado e eram chamados para voltar à classe, alguns se escondiam, não respeitavam a sinalização das professoras, mostravam-se irritados.

Recurso utilizado: brincadeira “Sr. Lobo”

Relato 2

Participante: Professora 2

Problema selecionado: não cumprimento aos combinados da classe referentes a respeitar colegas e professoras

Apesar de os combinados com o grupo (alunos do Pré entre 4 ½ e 5 anos) terem sido construídos ao longo do 1º semestre, alguns alunos ainda apresentavam muita dificuldade para realizá-los. Nos momentos de roda não esperam a vez para falar. Envolvem-se com colegas que estão ao lado, saem do lugar etc. Tais comportamentos atrapalham a dinâmica de sala de aula e “desgastam” a relação professor/aluno.

Recurso utilizado: brincadeiras antes de iniciar os momentos de roda e propostas de atividades: “Cantar os nomes” e “Telefone sem fio”

Relato 3

Participante: Professora 4

Problema selecionado: falta de respeito aos combinados para realização da roda de chamada e organização da rotina. Genericamente, trata-se das mesmas ações apresentadas pelos alunos da professora 2.

Recurso utilizado: brincadeiras antes de iniciar os momentos de roda e propostas de atividades: “Boneca de Lata” e “Telefone sem Fio”

Relato 4

Participante: Professoras 5 e 6

Neste caso, tratando-se de uma dupla, professora e auxiliar de classe, que atuam juntas com o grupo de alunos, optaram por analisar e selecionar juntas a ficha de observação e o recurso utilizado, entretanto responderam separadamente a entrevista.

Problema selecionado: agressividade na sala de aula

Um aluno, com 5 anos e 8 meses de idade (que denominaremos de X), aparentemente tranquilo, passou a apresentar momentos de intensa agressividade quando algo acontecia sem que fosse de sua vontade. Seu corpo todo se contraía, ficava vermelho e as veias do pescoço pareciam querer se desprender do corpo. Não conseguia falar para explicar o acontecido, gritava com os colegas, jogava seus materiais ou objetos e ao ser questionado pelas professoras pedia para ir ao banheiro, demonstrando não querer conversar. No banheiro, se escondia e chorava e quando se via “descoberto” argumentava que não estava chorando, pois “homem não chora” e que apenas tinha algo dentro de seus olhos.

Recurso utilizado: jogo dos sentimentos: “Canto do desabafo” e “Jogo da joaninha”

Relato 5

Participante: Professora 7

Problema selecionado: conflito entre pares

Um aluno (5 ½ anos, que denominaremos de Y), que se destaca pelo desenvolvimento nas diferentes áreas do conhecimento e pelo carisma que construiu com os colegas que obedecem sua liderança espontânea, começou a agredir fisicamente os colegas nas mais variadas situações. Nos momentos de roda, quando o grupo estava envolvido, de repente chuta ou bate no colega ao seu lado; quando se locomove pela classe, pisa no pé de outras crianças, empurra se alguém está sentado onde quer sentar etc. Interpelado pelas professoras, sempre afirma que foi sem querer e pede desculpas, mas repete a ação logo em seguida. Esse aluno, nos momentos de ir ao parque ou a outra área livre passou (de maneira velada, buscando não ser percebido pelas professoras) a intimidar os colegas, exigindo-lhes troca de objetos para manter sua amizade e não bater neles. Os colegas passaram a demonstrar desconforto com sua presença, os pais passaram a procurar as professoras mediante os relatos dos filhos em casa, entretanto, quando interpelados pelas professoras, mesmo chorando e dizendo estarem machucados, não contavam o ocorrido.

Recurso utilizado: brincadeira “Cobra-cega cooperativa” e jogo dos sentimentos: “O que eu vejo, o que eu sinto”

Relato 6

Participante: Professora 8

Problema selecionado: conflito entre pares

O grupo (alunos do Pré entre 4 anos e 5 meses e 5 anos) já se

encontrava adaptado/constituído. Estavam juntos há oito meses. O respeito aos combinados em pleno desenvolvimento, bem como o respeito aos momentos da rotina e o tipo de ação conveniente a cada uma destas. Aí surge a novidade: entrada de mais três alunos no grupo. Resultado: alteração no comportamento dos alunos, desafio aos combinados e regras, maior número de conflitos entre pares, caracterizados por ações tais como: pegar brinquedos do colega sem pedir, não respeitar a vez para falar, não atender as solicitações das professoras etc.

Recurso utilizado: rodas de conversa iniciadas por brincadeiras que envolviam a participação de todos: “Cantar os nomes”, “Telefone sem fio”, “Massagem cooperativa” e jogos para “Avaliação do dia” envolvendo expressão de sentimentos.

RESULTADOS

No relato 1, a professora 1 optou por experimentar uma brincadeira dirigida, “Sr. Lobo”. Ela não disse ao grupo como preparação, entretanto quando chegaram ao parque e as ações começaram a acontecer, a professora 1 aproximou-se de um pequeno grupo (4 crianças) e propôs brincar de “Sr. Lobo”. Começaram a brincar. Aos poucos, os alunos que estavam por perto se interessaram e quiseram também aprender. Em pouco tempo, estavam envolvidos. A correria desordenada do grupo cessou e a volta à sala de aula aconteceu de maneira mais tranquila. Algumas crianças perguntaram se iriam brincar de novo nos dias subsequentes e isso realmente aconteceu. O momento de parque, ao longo dos dias, tornou-se mais tranquilo. As brincadeiras espontâneas não deixaram de acontecer, entretanto, a partir dessa proposta, surgiram outras sugestões de brincadeiras dirigidas. Também se pôde observar que as crianças passaram a relacionar-se com a professora demonstrando mais afeto e as ações dos alunos quanto aos combinados passou a ser mais tranquila.

Desse modo, como com a professora 1, as outras professoras que propuseram brincadeiras dirigidas ao seu grupo também puderam vivenciar resultados positivos com seus alunos no tocante ao respeito entre os pares e para com os combinados. Assim, no momento de roda, nos quais ficava evidente o desgaste das educadoras em pedir silêncio, indicar a maneira correta de sentar, aguardar a vez do amigo para falar entre outras ações, com a utilização da ludicidade puderam observar que o tempo de concentração das crianças aumentou; a percepção de que se faz necessário aguardar e não se tem tudo o que quer na hora, também foi observada. Incluímos nesta análise a professora 8, que

também utilizou o brincar dirigido para conseguir propiciar ao grupo momentos em que todos necessitam participar a fim de conseguir realizar as propostas, bem como permitir espaço para que exporem seus sentimentos perante o grupo. Dessas propostas resultou o acolhimento aos alunos novos e a harmonia do grupo.

Destacamos o resultado do relato 4, ao proporem para o grupo o “Canto do desabafo”. Observaram que nos primeiros dias o aluno X negou-se a utilizá-lo, mas não deixava de mostrar-se curioso quando via seus colegas utilizando-o. No primeiro dia em que se permitiu testá-lo, agiu de maneira discreta, como se não quisesse que ninguém percebesse. Com o passar dos dias, ao chegar à sala de aula se dirigia diretamente à proposta. Nesse período, também participou mais ativamente das rodas de conversa e da avaliação do dia. Dando continuidade ao processo, as professoras trouxeram mais uma atividade, o “Jogo da joaninha”. Foi a partir das questões dessa brincadeira que o aluno X apresentou mudanças significativas. Nas primeiras vezes em que jogou, dizia não saber as respostas, entretanto, quando era a vez do amigo, relatava que conhecia um menino que responderia a questão e contava o que este colegaalaria, ou seja, ele não conseguia dizer o que sentia, mas utilizava o recurso de contar seu desejo/sentimento por meio de um menino imaginário. Aos poucos, suas ações que expressavam agressividade passaram a diminuir e ele passou a verbalizar seus sentimentos. Chegou a se permitir chorar e relatar para a professora o que o estava incomodando. Com o garoto Y e seu grupo, podemos observar as primeiras mudanças. O grupo está começando a relatar às professoras as ações do colega Y e este ainda não assume, verbalizando, ser responsável por suas ações, entretanto não nega mais suas ações e o número de ocorrências diminuiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta pesquisa acreditando que proporcionar aos alunos o brincar acarretaria a melhora da construção de um ambiente educacional de qualidade que priorize as inter-relações colaborativas e a construção do valor respeito, em caráter instrumental devido à faixa etária. Analisando os instrumentos de observação, bem como os depoimentos dos professores, pudemos confirmar a veracidade dessa hipótese e elucidar alguns avanços, como, por exemplo: alunos expressando sentimentos com espontaneidade, construindo novas maneiras para resolver conflitos sem recorrer à força física; maior tempo de atenção e participação nas rodas de conversa, concomitantemente ao exercício do direito de falarem, serem ouvidos e ouvirem-se uns aos

outros; compreensão e cumprimento dos combinados do grupo. Cabe ressaltar que esses avanços foram considerados essenciais na manutenção de um ambiente escolar harmonioso. Entretanto, fazem-se necessárias algumas observações. É fato que o brincar faz parte da criança, e que por meio do brincar ela adquire novas aprendizagens, mas utilizar o brincar como meio para se alcançar objetos predeterminados não depende do aluno.

É necessário que o professor planeje, organize os procedimentos didáticos e analise reflexivamente sua prática no campo dos valores para que esse brincar modifique o número e a forma de resolver situações conflituosas em salas de aula de Educação Infantil. O fato de os alunos respeitarem regras dos jogos não garante necessariamente que ele compreenda o que significa respeito. O professor deve também retomar com os alunos, em rodas de conversa, por exemplo, o que significa essa palavra, como podemos agir segundo esse valor em sala de aula e, impreterivelmente, ele mesmo ser o modelo.

Vale considerar que a criança, além de aprender com o exemplo, com o modelo e com a interação com o outro, também necessita mobilizar-se afetivamente na construção de um valor, daí a importância de se cuidar dos momentos de expressão de sentimentos. O professor, mesmo tendo a intenção de auxiliá-los na construção do valor respeito, deve atentar para o que cada criança está compreendendo, segundo sua vivência e seu ritmo de assimilação e acomodação. Insistir na oralidade, em momentos de roda de conversas, tentando levá-los a conclusões ideais, pode tornar-se um momento cansativo, sem prazer, por terem que ficar ouvindo, causando novas situações de falta de atenção e desrespeito, ou mesmo de temor, caso o professor imponha-se de maneira autoritária.

Concluimos este trabalho ressaltando que, por meio do brincar, os professores podem propiciar a construção de aprendizagens de ordem afetiva e moral, que possam implicar a qualidade da sala de aula, a construção de um ambiente educacional sociomoral cooperativo e, futuramente, na formação de cidadãos que tenham o valor respeito como parte de seu plano ético. Portanto, no que compete à educação de crianças entre 4 e 6 anos, faz-se necessário que tais educadores reflitam sobre a necessidade de planejamentos, da organização de procedimentos didáticos e da análise da prática no campo dos valores, priorizando o brincar. Nessa perspectiva, podemos tomar como referência o exercício da reflexão crítica e o conceito de planejamento segundo Lück (2005), que indica que planejar significa levantar a situação atual, estabelecer o que se deseja mudar, organizar a ação futura a fim de obter maior eficiência, maior exatidão e determinação,

maiores e melhores resultados e maximização dos esforços e gastos. Voltamos, então à nossa epígrafe inicial: *De que vale uma cozinha dotada das panelas mais modernas se o cozinheiro não sabe cozinhar? É o cozinheiro que faz a comida boa mesmo na panela velha. O cozinheiro está para a comida boa da mesma forma como o educador está para o prazer de pensar e aprender. Sem o educador, o sonho da escola não se realiza. A questão crucial da educação, portanto, é a formação do educador. “Como educar os educadores?”* (ALVES, 2007, p. 74). Neste momento, acreditamos apontar uma possibilidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Formação do educador. *Educação*, São Paulo, ano 1, n. 124, p. 74, ago. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FRIEDMANN, Adriana. *Brincar: crescer e aprender. o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.
- LÜCK, Heloísa. *Planejamento em orientação educacional*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MOYLES, Janet R. *Só brincar?: o papel do brincar na educação infantil*. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MONEREO, Carlos. O assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista. In: MONEREO, Carles; SOLÉ, Isabel. *Orientação educacional e intervenção psicopedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1974.
- PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.
- TARDELI, Denise D'Aurea. *O respeito na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- VINHA, Telma Pileggi. *O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

DIRETRIZES PARA AUTORES

A Momento – Diálogos em Educação aceita para publicação artigos científicos inéditos de professores, pesquisadores e acadêmicos de instituições na área de ciências humanas e educação.

Todos os artigos recebidos serão submetidos aos consultores da revista para a devida apreciação. A equipe editorial não se compromete com a devolução de textos e comunicará aos interessados caso não sejam aceitos. As modificações do texto, quando sugeridas pelos consultores, serão encaminhadas aos autores para consideração e devem ser devolvidas em um período máximo de 15 dias.

Cada texto deve ser antecedido por um resumo em português e em língua estrangeira de até 10 linhas, acrescido de três a quatro palavras-chave escolhidas pelo autor de acordo com o assunto do trabalho proposto. Indica-se a consulta às normas NBR 6022 para a elaboração do artigo e NBR 6028 para a elaboração do resumo. As citações no texto e as notas de rodapé também deverão seguir as normas correntes da ABNT, sendo as referências bibliográficas elencadas após o texto e em ordem alfabética. Para a escolha das palavras-chave, recomendamos o uso do *Thesaurus Brasileiro da Educação*.

Itens de verificação para submissão

Como parte do processo de submissão, autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão com todas os itens listados a seguir. Serão devolvidas aos autores as submissões que não estiverem de acordo com as normas.

1. *A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;*
2. *Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word (de extensão .doc), desde que não ultrapasse os 2MB;*
3. *Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídas no texto estão ativos e prontos para clicar;*
4. *O texto está em espaço 1,5; usa fonte Times New Roman de 12 pontos; emprega itálico em vez de sublinhar (exceto em endereços URL); figuras e tabelas estão inseridas no texto, e não em seu final; o texto tem, no máximo, 25 páginas (incluindo a lista de referências);*
5. *O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos*

descritos em Diretrizes para Autores;

6. *A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo dessa forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos);*
7. *O resumo está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro palavras-chaves;*
8. *O abstract está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro keywords.*

EDITORA E GRÁFICA DA FURG

Rua Luis Lorea, 261
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/
editfurg@mikrus.com.br